

FALAR EM LÍNGUAS COMO MEIO DE GRAÇA PARA EDIFICAÇÃO PESSOAL

*Speaking in tongues as medium of grace for the personal
edification¹*

Luciano Azambuja Betim²

RESUMO

Nesta exegese propomos um estudo em 1 Coríntios 14.4, cujo conteúdo trata da glossolalia. De que modo a experiência do falar em línguas ajuda na edificação pessoal do orante? Interagimos com biblistas situados na tradição reformada. Os resultados apontam que o falar em línguas é uma forma de oração, e que seu exercício acarreta em edificação pessoal na vida daquele que ora.

Palavras-chave: Edificação pessoal; falar em línguas; tradição reformada.

ABSTRACT

In this exegesis, we propose a study of 1 Corinthians 14.4, whose content deals with the glossolalia. In which way does the experience of speaking in tongues help in the personal edification of the one who prays? We interact with biblical scholars situated in the reformed

¹ O artigo foi recebido em 28 de março de 2018 e aprovado em 04 de abril de 2018 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); Pós-graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR); Presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil; Email: lucianobetim@outlook.com.br.

tradition. The results point to the speaking in tongues as a form of prayer, and that its exercise entails in personal edification in the life of the one who prays.

KEYWORDS: Personal edification; speaking in tongues; reformed tradition.

INTRODUÇÃO

A primeira epístola de Paulo aos Coríntios é uma das mais ricas em elementos pneumatológicos. Os capítulos doze a quatorze tratam dos dons espirituais na comunidade. Entre esses dons aparece a glossolalia, popularmente denominado “falar em línguas”. Nesta exegese propomos um estudo nesse carisma, bem como sua importância para a edificação pessoal daqueles que dele fazem uso em suas orações devocionais.

Delimitamos a primeira parte do texto, conforme se apresenta na epístola: “Quem fala em língua a si mesmo se edifica [...]” (1 Co 14.4a-NVI). De que modo a experiência do falar em línguas ajuda na edificação do orante? Ou seja, considerando que o falar em línguas é uma forma de oração, como ocorre essa edificação pessoal de quem ora?

Para responder essa pergunta colocamos como objetivo geral um estudo exegético sobre o sentido do “falar em línguas”. E como objetivos específicos buscaremos entender de que modo ocorre a edificação pessoal na experiência daquele que ora. Resultados apontam que o falar em línguas é uma forma de oração e que seu exercício acarreta em edificação.

Como procedimentos metodológicos, utilizaremos a revisão de literatura. Interagimos com biblistas e teólogos situados na tradição das igrejas reformadas.³ Entre eles destacamos João Calvino, Simon Kistemaker, Wayne Grudem e Ronald Youngblood. Utilizaremos a Nova Versão Internacional da Bíblia como versão padrão nas citações.

³ No Brasil representada pela Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e outros grupos menores.

1 TEXTO BÍBLICO

Texto grego:⁴ 1 Co 14.4^a: ὁ λαλῶν γλώσση ἑαντὸν οἰκοδομεῖ

2 TRADUÇÃO PESSOAL

Aquele que fala em línguas a si mesmo se edifica.

3 TRADUÇÕES PARALELAS

Para fins de comparação, apresentamos três traduções paralelas: A Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI)⁵; a Nova Tradução na Linguagem de hoje⁶ (NTLH); e a Bíblia de Jerusalém (BJ).⁷

4 VARIANTES TEXTUAIS

Não foram encontradas variantes textuais (no versículo 4) que modifiquem o sentido do texto.

Nova Versão Internacional	Nova Tradução na Linguagem de Hoje	Bíblia de Jerusalém
Quem fala em língua a si mesmo se edifica	Quem fala em línguas estranhas ajuda somente a si mesmo	Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo

⁴ Utilizamos a 28. Edição do Novo Testamento grego, Nestle Aland.

⁵ Sociedade bíblica Internacional e Editora Vida.

⁶ Sociedade bíblica do Brasil.

⁷ Texto disponibilizado pela Editora Paulus.

5 ANÁLISE GRAMATICAL

Para facilitar o entendimento, distribuímos todo texto da análise gramatical no formato de tabela:

Palavra	Análise gramatical	Tradução
ὁ	Pronome	o
λαλῶν	Verbo, tempo presente,	que fala
γλώσση	Substantivo	em língua
ἑαυτὸν	Pronome pessoal	a si mesmo
οἰκοδομεῖ	Verbo, tempo presente	edifica

6 DELIMITAÇÃO E ESTRUTURA DA PERÍCOPE

Um dos temas da primeira epístola de Paulo aos coríntios lida com questões pneumatológicas, mais especificamente dons espirituais. O versículo sob análise está situado nesse contexto. Desde o capítulo 12, o autor vem trabalhando sobre a teologia dos carismas. No capítulo 13, ele discute a supremacia do amor em relação aos dons.

Por se tratar de uma comunidade problemática, Paulo utiliza uma grande parte (cf. capítulo 14) para instruções sobre o modo correto da utilização do dom de línguas. Ele inicia o capítulo instruindo sobre a importância da busca pelos melhores dons. Identifica o que é o dom de línguas (vv.2-4), e passa então a delinear instruções sobre falar em línguas no contexto da igreja reunida (vv.26-28).

7 ELEMENTOS CONTEXTUAIS

7.1 Autoria

A epístola começa anunciando seu remetente: “Paulo, chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Sóstenes” (1 Co 1.1-NVI). De acordo com Youngblood⁸ às duas cartas canônicas “apresentam marcas inequívocas de autoria paulina”. Nesse sentido não tem então havido grande disputa sobre sua composição e canonicidade.

7.2 Data

Em relação a data de composição, também não há disputas sérias. Segundo Youngblood⁹ à primeira epístola foi escrita em Éfeso, por volta do ano 56 d.C., enquanto Paulo encontrava-se em sua terceira viagem missionária. Ainda segundo Youngblood¹⁰ à segunda carta, é bem provável que tenha sua composição e envio em meados do ano 57 d.C., provavelmente a partir da Macedônia. Ambas às cartas então no contexto evangelístico-missionário do Apóstolo.

7.3 Contexto histórico

De acordo com as narrativas de Lucas, em Atos 18.1-18, é possível estabelecer o ponto de início do trabalho missionário em Corinto e região, conforme aponta estudos:

[...] Durante sua segunda viagem missionário, Paulo seguiu

⁸ YOUNGBLOOD, Ronald. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 332.

⁹ YOUNGBLOOD, Ronald. 2004, p. 332.

¹⁰ YOUNGBLOOD, Ronald. 2004, p. 332.

sozinho de Atenas para Corinto, por volta de 51 d.C. Lá, trabalhou com um casal de judeus cristãos, Áquila e Priscila, então expulsos de Roma pelo imperador Claudio por serem judeus. Silas e Timóteo também se uniram a Paulo e Corinto. Quando Paulo deixou Corinto 18 meses mais tarde, uma congregação cristã floresceu [...].¹¹

Corinto era um dos mais importantes centros urbanos da Grécia. Cidade bastante antiga, porém, destruída no ano 146 a.C. pelos romanos, sendo reconstruída a partir de 144 d.C., por ordem de Julio Cesar.¹² É bem provável que a congregação fosse bastante mista, formada por ex-pagãos (1 Co 12.2), muitos escravos (1 Co 7.21) e algumas pessoas com melhores condições sociais (1 Co 11.22-32).

8 COMENTÁRIO AO TEXTO

Nosso objetivo aqui é dialogar com os diversos comentaristas bíblicos na passagem sob exegese. Diz o texto: “Quem fala em língua a si mesmo se edifica” (1 Co 14.4a). Procuraremos listar biblistas mais ligadas a tradição reformada, com destaque para o reformador João Calvino e outros nessa tradição, entre eles Simon Kistemaker, biblista reformado norte americano.

Anteriormente Paulo havia observado, que aquele que “[...] fala em língua não fala aos homens, mas a Deus [...]” (1 Co 14.2-NVI). Conforme observa Kistemaker,¹³ alguns teólogos olham essa declaração de modo negativo, como se Paulo estivesse se utilizando de uma espécie de sarcasmo. É importante então entender o sentido das palavras e de que modo à pessoa que fala em línguas edifica a si mesma.¹⁴

¹¹ YOUNGBLOOD, Ronald. 2004, p. 332.

¹² YOUNGBLOOD, 2004, p. 334.

¹³ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 667.

¹⁴ KISTEMAKER, Simon. 2003, p. 667.

Por exemplo, Calvino entende que os dons são concedidos para edificação da igreja, de modo que Paulo está fazendo aqui apenas uma concessão, e não uma recomendação.¹⁵ A apóstolo está “[...] destacando as pessoas exibicionistas, as quais só se preocupam com suas próprias pessoas, e não nutrem nenhum interesse pelos crentes [...]”.¹⁶ Essa observação interpreta a declaração paulina de modo negativo.

A exegese de Calvino leva mais em consideração o fator “edificação da comunidade” reunida. Diz o reformador: “[...] Fora, pois, com toda e qualquer ambição que desencaminha, a qual propicia que se ponha obstáculos no caminho daqueles que precisam ser beneficiados [...]”. Essa exegese não está errada, mas mesmo na tradição reformada não tem sido a única via interpretativa aceita.

Há aqueles que fazem uma exegese mais positiva em relação a declaração paulina:

Paulo parece falar de forma positiva, porque ele incentiva todos os leitores a falarem em línguas (v. 5). Ele também observa que a oração em particular a Deus, mesmo quando feita numa língua, é uma questão entre o crente e Deus (2Cor 12.2-4; ver também v. 2 e o comentário sobre ele). Portanto, ninguém está livre para invadir a privacidade religiosa de outra pessoa; a oração, quer falada ou silenciosa, é uma via de duas mãos [...].¹⁷

O falar em línguas tem seu valor na vida do orante. Assim argumenta Kistemaker: “[...] Deus recebe o louvor e a gratidão de quem fala e ao mesmo tempo lhe concede consolo e encorajamento”.¹⁸ Ele não descarta a importância da edificação da comunidade, reconhece, porém, a auto edificação, conforme aparece no texto paulino.

¹⁵ CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 2003. p. 415.

¹⁶ CALVINO, 2003, p. 415.

¹⁷ KISTEMAKER, 2003, p. 667.

¹⁸ KISTEMAKER, 2003, p. 667.

9 DESTAQUE DOS ACENTOS TEOLÓGICOS

Dois assuntos merecem destaque aqui: a natureza das “línguas” e o sentido da “edificação” daquele que fala. Em outras palavras, o que são de fato essas línguas? Idiomas humanos ou linguajar extático? E de que modo ou como ocorre à edificação pessoal daquele que fala em línguas nas orações devocionais? Na tradição reformada há uma ampla variedade de opiniões sobre o assunto.

9.1 O falar em línguas

“Quem fala em língua” (1 Co 4:4). Paulo utiliza o termo grego *glossa*. Para Calvino o significado da palavra aponta para o falar em uma língua estrangeira, ou sejam, um dialeto de certa localidade geográfica.¹⁹ Ele observa, porém, que esse dom de falar um idioma estrangeiro era uma obra singular da operação do Espírito Santo.²⁰ Nessa linha exegética, falar em línguas trata-se de idiomas humanos concedidos pelo Espírito Santo.

Nessa mesma linha de pensamento, outros estudiosos reformados endossam a ideia de idiomas humanos:

A palavra língua pode significar ou uma língua conhecida (At 2.6, 8, 11) ou modo de falar (1Co 14.2, 4, 28); na presente epístola, a palavra pode significar qualquer das duas – o sentido depende do contexto. Na cidade comercial de Corinto, onde visitantes internacionais e residentes temporários eram numerosos e suas várias línguas eram faladas [...].²¹

Mesmo assim não há unanimidade sobre isso. O sentido de *glossa* aponta apenas para idiomas humanos, ou seja, uma língua falada numa região geográfica? Parece que não. Até mesmo Kistemaker reconhece que

¹⁹ CALVINO, 2003, p. 414.

²⁰ CALVINO, 2003, p. 381.

²¹ KISTEMAKER, 2003, p. 590.

na “congregação de Corinto também tinha a experiência do falar em línguas [...] a glossolalia se refere a um ato de culto dirigido a Deus [...]”.²² Nesse sentido, línguas pode incluir também algum outro tipo de linguagem espiritual.

Alguns estudiosos têm se esforçado para determinar teologicamente o sentido “falar em línguas”, seja ele idiomas humanos ou de outra natureza. Parece mais acertada a definição de Wayne Grudem: “[...] oração ou louvor expresso em sílabas não compreendidas pelo locutor”.²³ Nessa perspectiva, a glossolalia pode ser tanto idiomas humanos quanto uma linguagem espiritual. Ambas, porém são concedidas pela operação do Espírito Santo.

9.2 A auto edificação

O texto paulino aponta que aquele que fala em línguas “[...] a si mesmo se edifica” (1 Co 14.4). Como é essa edificação? Ela ocorre no âmbito da razão ou na esfera do espírito ou alma do adorador? Em outro texto lemos: “Pois, se oro em língua, meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera. Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento [...]” (1 Co 14.14,15-NVI).

Certo biblista de orientação reformada argumenta que aquele que “[...] fala está ocupado em sua oração a Deus e ninguém pode invadir a privacidade religiosa dessa pessoa”.²⁴ Não há como fugir do fato de que conceito de edificação daquele que ora em línguas está presente no texto, conforme entende Paulo.

²² KISTEMAKER, 2003, p. 590.

²³ GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: exaustiva e atual*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 910.

²⁴ KISTEMAKER, 2003, p. 704.

Em termos práticos, porém, como acontece essa edificação? Essa não é uma resposta fácil. Grudem aponta que oração em línguas é uma “[...] atividade que ocorre na esfera espiritual, pelo qual nosso espírito fala diretamente com Deus, mas nossa mente é de algum modo desviada, não compreendendo nossa oração. É a oração dos recônditos da alma, do mais profundo do ser interior do orante”.²⁵

Alguns poderiam questionar o motivo pelo qual Deus concede esse dom, haja vista operar na esfera do espírito e não da razão. Uma das possíveis respostas:

[...] isso pode ser visto como uma solução mais parcial para as consequências da queda, pela qual fomos cortados da comunhão com Deus. É claro que isso não significa que o espírito das pessoas pode ter comunhão com Deus só quando falam em línguas [...]. Entretanto, de fato vê a oração em línguas como meio de complementar a comunhão direta com Deus na oração e na adoração [...].²⁶

Muitas das intervenções e atos do Espírito Santo na vida do cristão são misteriosas em sua natureza. Quem, por exemplo, poderia explicar o que é de fato a regeneração? Ou como podemos adorar em espírito e em verdade? Portanto, ao invés de questionar os métodos do Espírito Santo, o povo de Deus deveria acolher as palavras de Jesus: “O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai [...]” (Jo 3.8-NVI).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O falar em línguas, tema aqui abordado, foi um dos dons concedidos à comunidade de Corinto. Conforme o texto paulino “Quem fala em língua

²⁵ GRUDEM, 1999, p. 912.

²⁶ GRUDEM, 1999, p. 910.

a si mesmo se edifica [...]” (1 Co 14.4-NVI). Embora na experiência daquela igreja tenha ocorrido alguns abusos, Paulo não proíbe seu uso, pelo contrário, incentiva dentro dos critérios apropriados (vv. 26-27, 39-40).

Procuramos apontar o sentido exegético da passagem por meio de pesquisa bibliográfica. Como visto, embora Calvino tenha negado a atualidade desse dom, parte considerável de estudiosos reformados da época presente consideram o falar em línguas positivamente. Entre eles destacamos Wayne Grudem, teólogo e pastor. Seu posicionamento aponta que à prática do falar em línguas proporciona edificação na experiência do orante.

Esperamos ter alcançado os objetivos propostos: Fazer uma exegese sobre o falar em línguas. Em seguida determinar os possíveis sentidos da edificação pessoal do orante. Focamos apenas a primeira parte do versículo quatro, em cujo capítulo são quarenta tratando do tema. Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto. A expectativa é de que outras pesquisas lancem luz e esclareçam ainda mais o assunto.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *Nova Versão Internacional (NVI)*. São Paulo: Vida, 2007.

CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 2003.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: exaustiva e atual*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

YOUNGBLOOD, Ronald. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

NESTLE-ALAND, Novun Testamentun Graece. Disponível em: <<http://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/>>. Acesso: 25 set. 2017.